

Futebol e o movimento das Diretas Já na revista *Placar*

Football and the Diretas Já movement in the *Placar* magazine

Bruna Ferraz Barenco

Universidade Federal Fluminense, Niterói/RJ, Brasil

Doutoranda em História, UFF

brunabarenco@id.uuf.br

Resumo: O presente artigo se propõe a refletir sobre a relação entre o movimento das Diretas Já e o futebol na década de 1980, e como essa relação apareceu nas páginas da revista *Placar*, a principal revista esportiva do país. As Diretas Já foram uma campanha que buscava a aprovação da emenda Dante de Oliveira, que transformaria as eleições de 1985 em eleições diretas. O período de abertura político brasileiro impactou todas as esferas sociais, incluindo o esporte, que passava por transformações na sua estrutura também. O período da transição política, incluindo as Diretas Já, convergiram com um dos momentos mais políticos do futebol brasileiro, representado pelo movimento da Democracia Corinthiana. Assim, é relevante olhar para o período e pensar sobre a interação entre esporte, política e sociedade em um momento crucial para a história do país.

Palavras-chave: redemocratização, futebol, ditadura militar, Brasil

Abstract: The presente article proposes to reflect about the relationship between football and the Diretas Já movement during the 1980s, and how this relationship was represented in the *Placar* magazine, the most important publication about sports in the country. The Diretas Já was a campaign that sought the approval of the parliamentary menu Dante de Oliveira, that would transform the indirect elections in 1985 in direct ones. The Brazilian political opening impacted the society as a whole, including the sports, that faced changes too. The period, including the Diretas Já, converged with the political movement of the Democracia Corinthiana in Brazilian football. Thereby, it's relevant to see the period and thing about the interactions between sport, politics and Society in a crucial moment for Brazilian history.

Keywords: remocratization, football, military dictatorship, Brazil

Introdução

“Se a emenda Dante de Oliveira for aprovada na Câmara e no Senado, não vou embora do meu país.”¹ Sócrates, durante comício das Diretas Já no Vale do Anhangabaú.

Tanto na academia quanto no senso comum, o futebol é visto como algo distante do político.² Considerado um fenômeno recente, do final do século XIX e do século XX, o futebol não tem a tradição que outros termos mais frequentemente associados ao âmbito político. Ainda assim, ao longo dos últimos cem anos, o futebol esteve ligado a política de diferentes formas e em diferentes momentos históricos, como apontado por Ribeiro (2020): do amadorismo e profissionalização, aos anos totalitários e ao pós-guerra e globalização.³

Nesse sentido, é interessante compreender o futebol como um jogo que se comporta como um fenômeno cultural e histórico, como apontado por Huizinga,⁴ criando um ambiente lúdico, mas ao mesmo tempo permeado de regras, que podem ou não refletir a moralidade, embarcando em diversos significados para além de apenas um jogo. Portanto, o futebol torna-se um ponto de análise no qual é possível relacionar as mudanças sociopolíticas e como estas se refletem na sociedade, no lazer e na cultura.

No caso brasileiro, a relação entre futebol e política é destacada pela historiografia durante o período da ditadura militar, especialmente o tricampeonato conquistado na Copa do Mundo de 1970, com a trilha sonora da marchinha “Pra frente, Brasil”, amplamente utilizada como propaganda política para o regime ditatorial, relacionando a vitória brasileira em campo com o sucesso do governo. O período ditatorial envolveu, além das comemorações do tricampeonato, um processo de militarização do futebol brasileiro, inclusive da seleção nacional, como exemplificado pela preparação brasileira para a Copa do Mundo de 1966, na

¹ SP1. Famoso comício do movimento Diretas Já completa 30 anos. *GloboPlay*, São Paulo, 16 abr. 2014. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/3285148/>. Acesso em: 8 ago. 2025.

² RIBEIRO, Luiz Carlos. Futebol e política. In: GIGLIO, Sérgio Settani; PRONI, Marcelo Weishaupt (orgs.). *O futebol nas ciências humanas no Brasil*. Campinas: Editora da Unicamp, 2020.

³ RIBEIRO, Luiz Carlos. Futebol e política. In: GIGLIO, Sérgio Settani; PRONI, Marcelo Weishaupt (orgs.). *O futebol nas ciências humanas no Brasil*. Campinas: Editora da Unicamp, 2020.

⁴ HUIZINGA, Johan. *Homo Ludens: o jogo como elemento da cultura*. 4. ed. São Paulo: Perspectiva, 2000.

Inglaterra, na qual foram convocados inicialmente o triplo de atletas, que treinaram até formar o grupo oficial que viajaria para Europa disputar o mundial.

Em 1972, foi criada inclusive uma competição organizada pela ditadura militar: a Taça Independência,⁵ como parte das comemorações do sesquicentenário da independência do Brasil. O torneio teve como destaque a vitória da seleção brasileira contra Portugal na final, no Maracanã, marcando também a despedida do capitão Gérson da equipe nacional. Além disso, o período da ditadura ficou marcado pela construção de diversos estádios, como o Serra Dourada, em Goiânia, inaugurado em 1975, e o Estádio Estadual Governador Magalhães Pinto — mais conhecido como “Mineirão” —, aberto em 1966.⁶ Por fim, temos a criação da Loteria Esportiva, lançada em 1970 pelo decreto-lei n. 66.118, durante o governo Médici, apesar de ter sido idealizada ainda no governo de Costa e Silva.⁷

Dessa forma, é inegável a aproximação que foi criada entre o governo da ditadura militar e o esporte no país. Como apontado por Oliveira, o futebol foi utilizado pelo regime como uma questão de Estado, sendo visto como instrumento capaz de controlar os ânimos, reforçar a identidade nacional e projetar o Brasil internacionalmente.

As décadas de 1970 e 1980 também foram um período de aumento da formação do mercado de bens culturais. Nesse contexto, o futebol passou a funcionar como uma espécie de moeda no meio cultural, especialmente no primeiro momento de destaque do futebol brasileiro, após as conquistas nas Copas do Mundo de 1958 e 1962.⁸ É nessa conjuntura que a Editora Abril, do Grupo Civitas, amplia seu catálogo e investe no segmento esportivo com o lançamento do periódico *Placar*.

Anos depois, o período de abertura política, em especial a partir de 1979, com a Lei da Anistia e a Lei Orgânica dos Partidos, também viveu uma forte conexão com os esportes, particularmente o futebol. A anistia geral e a volta do pluripartidarismo permitiram que o ambiente do início dos anos 1980 fosse de grande otimismo

⁵ REI, Bruno Duarte. *Celebrando a pátria amada: esporte, propaganda e consenso nos festejos do Sesquicentenário da Independência do Brasil* (1972). Rio de Janeiro: 7Letras, 2020.

⁶ MALAIA, J. M. C., & Fortes, R. (2021). ‘Brasil-grande, estádios gigantescos’: toponímia dos estádios públicos da ditadura civil-militar brasileira e os discursos de reconciliação, 1964-1985. *Tempo*, 27, 165-183

⁷ VINCENZO, José Eduardo de. *Loteria Esportiva: Uma Paixão de Muitos*. Brasília: LGE editora, 2006.

⁸ ORTIZ, Renato. *A moderna tradição brasileira*. São Paulo, Brasiliense, 1988.

político, com um novo *boom* dos movimentos sociais brasileiros, como pode ser visto durante a Assembleia Constituinte e na promulgação da Constituição de 1988, conhecida como “Constituição Cidadã”. Somado a isso, a boa campanha da seleção brasileira no começo da década, bem como a expectativa para a Copa do Mundo de 1982, criou um ambiente de euforia e esperança dentro e fora de campo – cenário no qual a imprensa teve um papel fundamental.

Sendo assim, o objetivo do presente estudo é analisar a relação entre o futebol e os movimentos políticos durante o período da redemocratização brasileira pelas páginas da revista *Placar*. Para tanto, foram analisadas as edições do periódico publicadas entre janeiro de 1980 e setembro de 1984, abrangendo o período das eliminatórias e da Copa do Mundo de 1982, realizada na Espanha. O destaque do estudo recai sobre a associação entre o futebol e o movimento das Diretas Já, em 1984, que buscava a aprovação de eleições diretas para presidente no país. Ainda que a emenda não tenha sido aprovada, as Diretas Já marcaram a ação popular durante o período de transição política, e o futebol não passou ileso do momento, como analisaremos a seguir.

Democracias em campo: o contexto do futebol e a transição política brasileira

O ano de 1979 não apenas marcou o avanço da abertura política brasileira, com a Lei nº 6.683, mais conhecida como Lei da Anistia, que provocou mudanças significativas no Estado, mas também foi um ano marcante para transformações políticas no futebol. Desde 1914, a Confederação Brasileira de Desportos (CBD) regia o conjunto de esportes nacionais, inclusive o futebol, a pós a superação das disputas entre as federações estaduais em 1937.⁹ Durante a ditadura militar, o futebol brasileiro passou por um processo de militarização, no qual até mesmo a presidência da CBD foi ocupada por um representante das Forças Armadas, o almirante Heleno Nunes.

Apenas em 1979, após sucessivas crises no futebol brasileiro, incluindo desempenhos insatisfatórios da seleção, uma mudança institucional foi realizada. Nesse contexto, saiu de campo a CBD e é fundada a CBF (Confederação Brasileira de

⁹ SARMENTO, Carlos Eduardo. *A construção da nação canarinho: uma história institucional da seleção brasileira de futebol, 1914-1970*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2013.

Futebol). Além de ser uma federação dedicada exclusivamente ao futebol, o presidente escolhido para a nova instituição foi um civil: o dirigente carioca Giulite Coutinho, ligado ao América do Rio de Janeiro.

Como apontado por Santos e Magalhães (2014), o futebol na década de 1980 pode ser compreendido como um reflexo do cenário político brasileiro, reagindo e adaptando-se às transformações sociais e políticas que marcaram o contexto da redemocratização. Nesse sentido, os anos 1980 ficaram marcados, inicialmente, por um período de euforia e otimismo, seguida por uma fase de implementação da transição política brasileira.¹⁰

Essa relação entre o esporte e a política começou a ficar ganhar mais evidência a partir do final da década de 1970, e aqui se faz importante relembrar a figura de Reinaldo. Jogador do Atlético Mineiro, o atacante ganhou notoriedade não apenas pelo desempenho em campo, mas pelas atitudes fora dele, que incluíam uma comemoração de punho erguido para seus gols, inspirado no gesto dos Panteras Negras e uma entrevista concedida para a revista Movimento, em março de 1978, na qual o jogador afirmou que “Está na hora da aproximar todo mundo das decisões políticas. O povo tem sua opinião e essa opinião deve ser respeitada”.¹¹

¹⁰ FICO, Carlos. *Reinventando o Otimismo: Ditadura, propaganda e imaginário social no Brasil*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1997.

¹¹ Movimento, nº 140, 6 de março de 1978.



Movimento, nº 140, 6 de março de 1978

A entrevista rendeu ao jogador uma investigação e abertura de ficha no Serviço Nacional de Inteligência (SNI), além de repressões para que “apenas jogasse bola”. A Copa do Mundo de 1978, na qual Reinaldo comemorou seu gol contra Suécia com os punhos erguidos, foi o único mundial do qual o jogador participou.

Para analisar a redemocratização brasileira faz-se necessário estabelecer a conjuntura mundial na qual o processo brasileiro se insere, uma vez que está relacionado a acontecimentos semelhantes em diversos outros países, tanto na Europa quanto no Cone Sul, que assistiam à queda de ditaduras estabelecidas nas décadas anteriores caírem, como o caso de Portugal (1974), Espanha (1975 - 1982) e Grécia (1973).¹² No contexto da América Latina, o período entre 1960 e 1980 foi

¹² CANCELLI, Elizabeth. Brazil: transition and reconciliation policies as a cold war strategy. Revista de História. São Paulo, 2021.

marcado pelo estabelecimento de diversas ditaduras militares, em Brasil, Argentina, Uruguai, Paraguai e Chile.

Dessa forma, era importante para a ditadura brasileira que o processo de transição fosse controlado pelo próprio regime, especialmente levando-se em consideração experiências anteriores observadas na terceira onda de democracias na Europa, que destacam o caráter indeterminado de um processo de transição política. Como apontado por Cancelli, é durante o contexto de mudança política que surgem os conceitos de redemocratização e transição, usados para denominar e analisar o período.¹³ Assim, esses mesmos conceitos devem ser compreendidos como produtos da conjuntura em que foram formulados, tendo, portanto, um papel específico a cumprir.

Fico aponta para uma transição brasileira “inconclusa” e “frustrada”, sublinhada pelo controle da ditadura durante o processo. O modo como a ditadura militar brasileira se comportou possibilitou a criação de um ambiente em que a dinâmica da violência não ficou tão evidente, o que facilitou o controle do regime sobre como e quando deixaria o poder.¹⁴

No entanto, o processo brasileiro não ocorreu sem nenhum tipo de embate ou ação popular, ainda mais considerando uma transição planejada para ser de longa, a qual acabou se estendendo por quase uma década. Um exemplo desses conflitos foi o atentado no Riocentro, em 1981, uma tentativa de ataque promovida pela extrema-direita às vésperas do Dia do Trabalhador, conduzida por setores ligados ao DOI (Departamento de Operações de Informação), demonstrando que essa transição não foi tão pacífica ou coerente quanto o governo desejava apresentar.

Durante o processo de redemocratização brasileira, o maior ato de conflito entre o plano de redemocratização dos militares e a ação popular foi a campanha das Diretas Já, iniciada em 1983, que reivindicava eleições diretas para presidente em oposição às eleições indiretas previstas pela ditadura. O movimento pleiteava a aprovação da Emenda Dante de Oliveira, nomeada em referência ao deputado do PMDB (Partido do Movimento Democrático Brasileiro), e reuniu diversas lideranças

¹³ CANCELLI, Elizabeth. Brazil: transition and reconciliation policies as a cold war strategy. Revista de História. São Paulo, 2021.

¹⁴ Fico, Carlos. "Brasil: a transição inconclusa." *Violência na História: memória, trauma e reparação*. Rio de Janeiro: Ponteio, 2012.

políticas e intelectuais brasileiras, como Leonel Brizola, Fernando Henrique Cardoso, Tancredo Neves, Mário Covas e Luiz Inácio Lula da Silva. A campanha das Diretas Já se estendeu de março de 1983 até abril de 1984, quando a emenda foi derrotada em votação no Congresso por não alcançar o número mínimo de votos necessário.

Apesar da derrota, as Diretas Já representam um capítulo importante do processo de redemocratização brasileira. Sua influência na recuperação símbolos nacionais, como as cores verde e amarelo, que estamparam a campanha, foi marcante, assim como a presença de milhares de pessoas pelas principais cidades do país, manifestando-se politicamente, e contando com a participação de celebridades, inclusive jogadores de futebol.

O futebol brasileiro e as Diretas Já na Revista Placar

A relação entre futebol e política durante a redemocratização brasileira atingiu seu ápice durante a campanha das Diretas Já, mas já vinha sendo construída nos anos anteriores. Em um primeiro momento, essa relação esteve aliada às mudanças políticas do país e da Confederação Brasileira de Futebol, sendo destacada durante a Copa do Mundo de 1982. Paralelamente, a campanha da seleção brasileira nas eliminatórias e amistosos da seleção brasileira empolgavam a torcida, enquanto o país se preparava para sua primeira eleição geral para governadores e deputados, realizada pela primeira vez desde 1964. Ainda que a ditadura tenha mantido eleições como uma tentativa de legitimação institucional, estas não eram, de fato, gerais, pois não abrangiam, por exemplo, as chamadas áreas de segurança nacional, como eram chamados os municípios foram considerados “área de interesse da segurança nacional”, e que a partir de 1968 passaram a ter seus governantes nomeados pelo presidente durante a ditadura militar.

No que diz respeito ao desempenho nacional e internacional, os primeiros anos da década de 1980 foram de conquistas expressivas para o futebol brasileiro. Flamengo e Grêmio conquistaram, pela primeira vez, a Taça Libertadores da América, em 1981 e 1983, respectivamente. Somado a isso, a boa campanha da seleção brasileira sob o comando do treinador Telê Santana, tanto no Mundialito no Uruguai em 1981 quanto nas eliminatórias e amistosos preparatórios para Copa do

Mundo de 1982, disputada na Espanha, elevavam o ânimo em relação ao principal esporte nacional.

Nesse cenário, o otimismo em relação a performance do futebol brasileiro e as eleições gerais permitiram uma recuperação do “sequestro do verde e amarelo”¹⁵, com o uso dos símbolos nacionais, como hino e bandeira, se tornando mais populares. Apesar da derrota da seleção na Copa do Mundo, o caminho para desassociar os símbolos nacionais das campanhas propagandísticas da ditadura estava trilhado.

Durante esse período, a revista *Placar* se estabelece como a principal mídia dedicada à cobertura esportiva brasileira. Criada em 1970, meses antes da Copa do Mundo, a revista surgiu como informativa, mas, com o tempo, modificou seu rumo e se tornou uma publicação mais voltada para o entretenimento. Como parte do grupo da Editora Abril, a *Placar* se encaixa em um contexto de expansão do mercado de bens culturais, especialmente ligados a grandes conglomerados.

Entre 1950 e 1960, as grandes editoras brasileiras trabalharam em ampliar seu acervo de publicações voltadas a hobbies ou públicos específicos, como é o caso de *Quatro Rodas*, *Realidade*, *Veja*, *Capricho* e *Cláudia* – todas publicações da Editora Abril. No caso de publicações com foco esportivo, o Brasil já tinha por exemplo, o *Jornal dos Sports* de Mário Filho, a revista *Sport Ilustrada* e a *Manchete Esportiva*, ramificação do periódico *Manchete*. O fim da *Manchete Esportiva*, em 1979, praticamente coincide com a ascensão da *Placar*.¹⁶

A *Placar* se consolida como o posicionamento da Editora Abril frente ao público esportivo, com o intuito de representar o futebol e o torcedor brasileiro.¹⁷ O primeiro editor da publicação foi Victor Civita, fundador da Editora Abril no Brasil, que fez questão de destacar o futebol como manifestação popular brasileira logo na

¹⁵ GUEDES, S.; Da Silva, E. O segundo sequestro do verde e amarelo: futebol, política e símbolos nacionais. *Cuadernos de Aletheia*. 73-89. 2019.

¹⁶ SCHATZ, Patrícia Volk. "Titulares da política: aspectos da abertura democrática brasileira na revista *Placar* (1974-1982) 1." *Recorde* 11.1 (2018): 1-24.

¹⁷ ROCHA, Max Filipe Nigro. *Em busca do feitiço perdido: a revista Placar entre a Seleção Brasileira de 1982, a Revolução São-Paulina e a Democracia Corintiana (1979-1984)*. 2013. 225 f. Diss. Dissertação (Mestrado em História)-Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

primeira edição da revista: “(...) para o Brasil o futebol é mais que um esporte, menos do que uma guerra – um meio termo explosivo, colorido, sensacional”.¹⁸

Civita permaneceu na liderança da revista até 1980, quando ocorreu uma mudança significativa na editoria da *Placar* com a entrada de Juca Kfourri como editor chefe da publicação. A figura de Kfourri já era presente na revista desde 1979, na coluna de opinião, e devido à sua trajetória política (na época, já membro do Partido Comunista Brasileiro), sua direção do periódico se torna mais voltada para análise e opiniões sobre assuntos ligados ao futebol. O ambiente esportivo da década de 1980 mostrou-se propício para essa postura editorial. Como apontado por Rocha, a passagem de Kfourri na revista *Placar*:

“(...) configuraria em um projeto político a ser formulado pelo semanário entre os anos de 1979 e 1984. Esse plano pretendia, simultaneamente, garantir o resgate da essência do futebol brasileiro enquanto futebol-arte e traçar as diretrizes que permitiriam modernizar o esporte nacional.”¹⁹

O cenário do futebol nos 1980 contribuiu para esse movimento. A própria seleção brasileira dessa década era muito diferente das versões apresentadas na década de 1970. Essa mudança, que ia desde o estilo dos jogadores, agora liberados para usar barbas e cabelos longos, anteriormente vistos como símbolos de subversão (como no caso de Afonsinho, proibido de treinar no Botafogo por esse motivo), pode ser exemplificada na figura do meio-campista Sócrates. O jogador, que ganhou destaque no Corinthians, não apenas era capitão da seleção brasileira, mas figura central em um dos principais movimentos políticos do futebol brasileiro, a Democracia Corinthiana.

O movimento da Democracia Corinthiana começou a se desenhar com mudanças internas no clube, que levaram Adilson Monteiro, sociólogo formado pela USP, a ser convidado para a posição de diretor de futebol do clube, com a proposta de que o jogador seria um trabalhador como outro qualquer, como afirmou a revista *Placar* em 1982. Ainda que tenha contado com outras figuras fundamentais dentro e fora de campo para que tivesse sucesso, como os jogadores Wladimir e Casagrande,

¹⁸ *Placar*, 20 de março de 1970.

¹⁹ ROCHA, Max Filipe Nigro. *Em busca do feitiço perdido: a revista Placar entre a Seleção Brasileira de 1982, a Revolução São-Paulina e a Democracia Corinthiana (1979-1984)*. 2013. 225 f. Diss. Dissertação (Mestrado em História)-Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

a figura mais marcada do período foi justamente Sócrates, tanto pelo protagonismo no time paulista quanto pela visibilidade como camisa 8 da seleção brasileira.²⁰

É impossível dissociar o futebol das repercussões políticas do período ditatorial, sendo particularmente relevante o contexto temporal do surgimento da Democracia Corinthiana e o otimismo em volta da chamada "seleção da abertura". Esses elementos reforçam o argumento de que o futebol não ocupa um espaço de neutralidade, como tradicionalmente se tentou atribuir ao esporte, e que pode ser encaixado nas movimentações sociais e políticas.

Na revista *Placar*, a Democracia Corinthiana recebeu frequentes manchetes. O próprio nome do movimento, que foi cunhado pelo vice-presidente do clube e publicitário Washington Olivetto, apareceu pela primeira vez nas páginas da revista em 1981, em entrevista com Adilson Monteiro Alves. No ano seguinte, durante a cobertura da Copa do Mundo, a figura de Sócrates recebeu uma atenção especial nas páginas da publicação. O jogador e capitão da seleção no mundial da Espanha em 1982 foi convidado a escrever uma coluna para *Placar* durante o torneio, intitulada "O diário de Sócrates".

Além do movimento interno de mudanças institucionais no clube, a Democracia Corinthiana ficou marcada por atos simbólicos como entrar em campo durante o Campeonato Paulista de 1982 com os dizeres "Dia 15 vote", no lugar da publicidade em falta na camisa, na partida contra o Santo André, em 27 de outubro. A equipe repetiu o gesto nos quatro jogos seguintes, até a chegada das eleições. Atitudes como essa tornaram-se comuns no Corinthians, expressas tanto em ações do clube quanto nas iniciativas de seus jogadores.

Poucos dias antes das eleições gerais de 1982, a *Placar* publicou uma matéria intitulada "Se eu fosse governador", na qual convidou jogadores a montarem um plano de governo para seus estados. Sócrates participou da iniciativa, assim como Cleo (Internacional), Reinaldo (Atletico Mineiro) e Paulo Sérgio (Botafogo). Todos os jogadores, inclusive, posaram em frente às sedes dos governos estaduais. As propostas variavam entre pedir liberdade para o povo (Sócrates), combater o desemprego (Paulo Sérgio) e implementar o socialismo (Reinaldo).

²⁰ FLORENZANO, José Paulo. *A democracia corinthiana: práticas de liberdade no futebol brasileiro*. São Paulo: Educ, FAPESP, 2009.



Placar, 15/10/1982. Edição 647.

No texto que acompanhava a reportagem, o jornalista Marco Aurélio Borba afirma que:

“A política está em todas as cabeças brasileiras, nestes poucos mais de 30 dias que antecedem as primeiras eleições diretas para governadores nos últimos 17 anos. Está na cabeça, também, dos profissionais do futebol, dos obscuros aos consagrados.”²¹

Além disso, o jornalista destaca a insistência de Sócrates em elaborar pessoalmente, e em detalhes, o seu plano de governo, ao contrário dos demais atletas consultados, que resumiram suas propostas por meio de breves depoimentos. Além dessa dedicação, o Doutor inclui aspas como “Democracia é um direito que devemos exigir”, com detalhes sobre medidas que adotaria em questões como trabalho, saúde e educação.

Em 1984, durante o movimento das Diretas Já não foi diferente, e a campanha apareceu nas páginas da *Placar*. Além das manifestações nas arquibancadas, Sócrates, Wladimir e Casagrande compareceram ao maior comício da campanha, no Vale do Anhangabaú, em São Paulo. Ao lado do narrador esportivo Osmar Santos, que participou de diversos comícios das Diretas Já, os jogadores subiram ao palco e

²¹ Placar, 15 de outubro de 1982.

contaram com uma declaração de Sócrates, afirmando que se a emenda Dante de Oliveira fosse aprovada, não sairia do futebol brasileiro, já que na época o jogador recebia diversas sondagens do futebol europeu.

Mas esse não foi o único caso de participação do futebol na campanha das Diretas Já. Antes disso, em 1982, Pelé teve uma rara manifestação política pública, sendo fotografado com a camisa da seleção brasileira adornada pelas palavras “Diretas Já!”. O clique foi feito pelo fotógrafo Ronaldo Kotscho, durante gravações do filme “Pedro Mico”, na comunidade Pavão-Pavãozinho, no Rio de Janeiro. A foto estampou a capa da revista Placar, um dos principais veículos esportivos do país, a qual trouxe ainda uma declaração do ídolo:

“Nós estamos numa luta difícil, que é luta pelas diretas. O Brasil já ganhou a Copa do Mundo, definitivamente, e esta ninguém tira. Agora, tem outra Copa que a gente tem de ganhar e foi por isso que ergui minha réplica da Jules Rimet, pelas eleições diretas.”²²

²² Placar. 20/04/1984, edição 726.



Ronaldo Kotscho. Placar. 20/04/1984, edição 726.

Poucas semanas depois, a *Placar* exibia na capa, na edição de 27 de abril de 1984, uma imagem de Sócrates, vestido como Dom Pedro I, com a manchete: “Se o Brasil mudar, eu fico”. Sobre a escolha da sessão de fotos, Kfoury afirma na nota do editor que: “Sócrates está tão interessado nela [*emenda Dante de Oliveira*] que, para divulgá-la ainda mais, não teve dúvida em assumir o papel de dom Pedro I, transformando-se na capa desta edição.”²³

²³ Placar, 27 Abr 1984. N.º 727



Placar, 27/04/1984. Edição 727.

A entrevista e ensaio fotográfico ocupam quatro páginas da revista, incluindo uma entrevista com o jogador, que reafirma sua posição dado no comício, afirmando que as Diretas Já são um caminho para a mudança no Brasil. Questionado sobre a atuação, ou a ausência dela, dos jogadores de futebol na campanha política, Sócrates afirmou:

“(...) é um processo lento. À medida que o próprio povo vai ficando mais consciente de seus direitos, o jogador de futebol também vai ser influenciado por isso e vai acompanhar o processo. Hoje, por ser o futebol estruturado em termos muito reacionários, ele tem medo de participar, de se posicionar.”²⁴

Sócrates também foi questionado sobre a atitude de Pelé, de vestir a camisa do movimento das Diretas Já, mas respondeu que não o conhecia pessoalmente para

²⁴ Placar, 27 de abril de 1984. P36. Edição 727.

repercutir sua posição. A cobertura da campanha em uma publicação esportiva, com duas capas dedicadas ao tema, evidencia a linha editorial adotada pela revista durante a gestão de Kfoury. O próprio editor-chefe comentou a derrota da emenda Dante de Oliveira na edição de 4 de maio de 1984:

“Quase todo país queria – e continua a querer e deve conquistar – que o sagrado direito de eleger o presidente lhe fosse restituído. Perdeu-se uma batalha e é preciso acatar um resultado que, afinal, foi produto da manifestação de parlamentares eleitos legitimamente pelo povo. A regra é essa.”²⁵

Outra manifestação relevante veio das torcidas. No Rio de Janeiro, a torcida do Flamengo viu surgir uma nova torcida organizada: a Fla - Diretas. Criada em 1984, por estudantes ligados ao Partidão (como era conhecido o Partido Comunista Brasileiro antes da legalidade), a torcida nasceu como uma brincadeira entre os fundadores, relacionado o nome do então presidente da ditadura, João Baptista Figueiredo, e do jovem zagueiro rubro-negro Cláudio Figueiredo Diz²⁶, que era conhecido apenas como Figueiredo. A torcida recebeu aval do jogador e do presidente do clube, George Helal, além de outras organizadas como a Raça Rubro – Negra. o grupo esteve presente em manifestações a favor da emenda Dante de Oliveira.²⁷, e após a derrota das Diretas Já, a torcida voltou suas atenções para as arquibancadas.

Foi nesse contexto que, na véspera de um clássico entre Flamengo e Fluminense pelo Campeonato Carioca, alguns jogadores do tricolor carioca, então campeão brasileiro, visitaram Brasília e passaram no gabinete de Paulo Maluf, candidato da situação à presidência nas eleições de 1985. A repercussão do encontro foi tamanha que tanto Maluf quanto Tancredo Neves, candidato da oposição, foram convidados a palpar o resultado do jogo: Maluf apostou na vitória do Fluminense por 2 a 1; Tancredo, por sua vez, cravou vitória do Flamengo por 3 a 1.

²⁵ Placar, 04 de maio de 1984. P. 3. Edição 728.

²⁶ Cláudio Figueiredo Diz atuou no futebol entre 1979-1984. Em 1984, Figueiredo faleceu aos 23 anos em decorrência de um acidente de avião no Pico da Caledônia, em Nova Friburgo. No mesmo acidente, faleceram também Nilton, irmão de Bebeto, uma amiga dos dois jogadores e o piloto do avião.

²⁷ SARTORI, Caio. Democracia rubro-negra: quando a torcida do Flamengo gritou Diretas Já. Ludopédio, São Paulo, v. 125, n. 30, 2019.

No dia do clássico, no Maracanã, as torcidas fizeram das arquibancadas demonstração de opinião política. Liderada pela Fla-Diretas, a torcida rubro-negra levou faixas como “O Fla não malufa” e “Muda Brasil, Tancredo já”. Do outro lado, a torcida do Fluminense respondeu com uma faixa com os dizeres “Maluf é corrupção, Tancredo é a solução”. Em campo, vitória do Flamengo por 1 a 0, com gol de Bebeto, então uma jovem promessa da Gávea.



Placar, 28/09/1984. Edição 729.

Já nas eleições presidenciais, que, após a derrota da emenda Dante de Oliveira, ocorreram de forma indireta em 15 de janeiro de 1985, o candidato Tancredo Neves, do PMDB, foi eleito presidente do Brasil, o primeiro civil a ocupar o cargo desde 1964. Tancredo, contudo, faleceu antes de tomar posse, e seu vice, José Sarney, assumiu a presidência da República, permanecendo no cargo até a realização das primeiras eleições diretas para presidente, em 1989.

No cenário do futebol nacional, o movimento da Democracia Corinthiana perdeu força em 1984, com a saída de Sócrates para o futebol italiano. Já o Campeonato Brasileiro enfrentou uma crise ao final da década de 1980, refletindo questões estruturais herdadas do período ditatorial, como o inchaço do calendário e a desorganização político-esportiva. Esse cenário culminou, em 1987, na criação

do Clube dos Treze e da Copa União, movimento amplamente coberto pela *Placar*, que seguiu atenta às transformações no principal esporte do país.

Considerações finais

Se as décadas de 1960 e 1970 marcaram um período de aproximação do futebol com a ditadura militar, seja por interferências do governo nas estruturas do esporte ou propaganda política, os anos de 1980 mostraram que o contrário também é possível, e aproximaram o futebol de contextos como o da própria democracia. Na conjuntura de uma transição anunciada, com a abertura política gerando zonas cinzentas na censura e no controle estatal, o esporte e a imprensa se tornaram ainda mais relevantes como espaços de produção de identidades e circulação de ideais.

A experiência das relações entre futebol, política e sociedade durante o processo de redemocratização brasileira demonstra que é possível estabelecer uma manifestação política no esporte que não esteja ligada a governos autoritários. A Copa do Mundo de 1982, a campanha das Diretas Já e o retorno dos símbolos nacionais sequestrados pela ditadura foram fundamentais no contexto da formação da Nova República.²⁸ Vivências recentes, como as Jornadas de Junho de 2013, a onda de conservadorismo que culminou na eleição de Jair Bolsonaro em 2018, e uma tentativa de golpe em 2022, revelam que a politização dos atletas e do esporte ainda é um local de disputas, seja no imaginário do futebol ou no processo de ressignificação dos símbolos nacionais.

Nesse sentido, a imprensa foi fundamental em todos os contextos históricos mencionados. Como analisado nesse artigo, a campanha das Diretas Já teve ampla presença nos meios de comunicação, inclusive na imprensa esportiva. A revista *Placar* se destacou ao unir o formato do jornalismo de revista com o jornalismo esportivo investigativo, atingindo seu ápice em 1984, com a cobertura das manifestações pró-democracia e as reportagens que denunciaram o escândalo da loteria esportiva. Em um período de intensas mudanças políticas e sociais, a atuação de um veículo especializado em esporte demonstra a versatilidade e a importância da imprensa na construção do debate público.

²⁸ CAMPOS, Flavio de, “O lulismo em campo: aspectos da relação entre esportes e política no Brasil”, in MARINGONI, G. e MEDEIROS, J. (orgs.), *Cinco mil dias. O Brasil na era do lulismo*. São Paulo: Lauro Campos/Boitempo, 2017, 241-254.

Assim, analisar os processos de democratização por meio da relação entre futebol, sociedade e imprensa torna-se um exercício necessário. O período da redemocratização brasileira foi decisivo para o país: mesmo sob a vigência formal da ditadura, as brechas políticas abertas durante a transição permitiram manifestações e posicionamentos antes impensáveis. Entender os impactos desse processo nas múltiplas dimensões da sociedade é essencial para avaliar o alcance e a profundidade da redemocratização. A campanha das Diretas Já — e sua cobertura pela revista Placar — permite compreender as diversas conexões possíveis entre esporte, política e sociedade.

Referências

CAMPOS, Flávio de. O lulismo em campo: aspectos da relação entre esportes e política no Brasil. In: MARINGONI, Gilberto; MEDEIROS, Juliano (orgs.). **Cinco mil dias: o Brasil na era do lulismo**. São Paulo: Lauro Campos/Boitempo, 2017. p. 241-254.

CANCELLI, Elizabeth. Brazil: transition and reconciliation policies as a cold war strategy. **Revista de História**. São Paulo, 2021.

FICO, Carlos. **Reinventando o otimismo: ditadura, propaganda e imaginário social no Brasil**. Rio de Janeiro: Fundação Getulio Vargas, 1997.

FICO, Carlos. Brasil: a transição inconclusa. In: **Violência na história: memória, trauma e reparação**. Rio de Janeiro: Ponteio, 2012. p. 25-37.

FLORENZANO, José Paulo. **A democracia corinthiana: práticas de liberdade no futebol brasileiro**. São Paulo: Educ, FAPESP, 2009.

GUEDES, Simoni; SILVA, Edson da. O segundo sequestro do verde e amarelo: futebol, política e símbolos nacionais. **Cuadernos de Aletheia**, p. 73-89, 2019.

HUIZINGA, Johan. **Homo Ludens: o jogo como elemento da cultura**. 4. ed. São Paulo: Perspectiva, 2000.

MALAIA, João Marcos Carvalho; FORTES, Rafael. 'Brasil-grande, estádios gigantesco': toponímia dos estádios públicos da ditadura civil-militar brasileira e os discursos de reconciliação, 1964-1985. **Tempo**, v. 27, p. 165-183, 2021.

OLIVEIRA, Marco Antonio Teixeira de. O esporte brasileiro em tempos de exceção: sob a égide da ditadura (1964-1985). In: PRIORE, Mary Del; ANDRADE DE MELO, Victor (orgs.). **História do esporte no Brasil: do Império aos dias atuais**. São Paulo: Editora Unesp, 2009. p. 387-416.

ORTIZ, Renato. **A moderna tradição brasileira**. São Paulo: Brasiliense, 1988.

REI, Bruno Duarte. **Celebrando a pátria amada: esporte, propaganda e consenso nos festejos do Sesquicentenário da Independência do Brasil (1972)**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2020.

RIBEIRO, Luiz Carlos. Futebol e política. In: GIGLIO, Sérgio Settani; PRONI, Marcelo Weishaupt (orgs.). **O futebol nas ciências humanas no Brasil**. Campinas: Editora da Unicamp, 2020.

ROCHA, Max Filipe Nigro. **Em busca do feitiço perdido:** a revista Placar entre a Seleção Brasileira de 1982, a Revolução São-Paulina e a Democracia Corintiana (1979-1984). Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

SANTOS, Daniel de Araújo; MAGALHÃES, Livia Gonçalves. Década da esperança ou década perdida? A reestruturação do futebol brasileiro nos anos 80. In: QUADRAT, Samantha (org.). **Não foi tempo perdido:** os anos 80 em debate. Rio de Janeiro: 7Letras, 2014.

SARMENTO, Carlos Eduardo. **A construção da nação canarinho:** uma história institucional da seleção brasileira de futebol, 1914-1970. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2013.

SARTORI, Caio. Democracia rubro-negra: quando a torcida do Flamengo gritou Diretas Já. **Ludopédio**, São Paulo, v. 125, n. 30, 2019.

SCHATZ, Patrícia Volk. Titulares da política: aspectos da abertura democrática brasileira na revista Placar (1974-1982). **Recorde**, v. 11, n. 1, p. 1-24, 2018.

SP1. Famoso comício do movimento Diretas Já completa 30 anos. *GloboPlay*, São Paulo, 16 abr. 2014. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/3285148/>. Acesso em: 8 ago. 2023.

VINCENZO, José Eduardo de. **Loteria esportiva:** uma paixão de muitos. Brasília: LGE Editora, 2006.

BRASIL. *Decreto-Lei n.º 66.118, de 26 de janeiro de 1970.* Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/1970-1979/D66118.htm. Acesso em: 08 ago. 2025.